

## **O ENSINO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ITACURUÇA NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA**

Raquel Mesquita Nunes (UFPA)

Solange da Costa Santos (UFPA)

Valéria Cardoso Pimentel (UFPA)

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo foi produzido a partir de uma pesquisa em andamento, na escola Manoel Pedro Ferreira da comunidade quilombola do Itacuruçá-município de Abaetetuba. A instituição funciona nos três períodos, atende desde as séries iniciais, passando pelo EJA, até o ensino médio. Na pesquisa pretendeu-se constar o que causa uma série de dificuldades no processo de ensino-aprendizagem e buscar possíveis soluções que possam amenizar tais dificuldades. Primeiramente buscamos conhecer o contexto histórico da localidade juntos aos moradores, observando inicialmente que a economia local gira em torno das olarias onde vários alunos da escola Manoel Pedro Ferreira trabalham. Percebemos durante nossa observação participante na escola que as disciplinas poderiam ser ministradas utilizando o conhecimento que os alunos possuem do seu cotidiano das olarias, em especial a disciplina de matemática, a qual os alunos estavam tendo dificuldade de aprendizado. Além das olarias a matemática pode se encontrada nas demais atividades desenvolvidas pelos jovens que trabalham e estudam no local como: agricultura e pecuária.

Visto que a pesquisa esta em andamento ainda não se desenvolveu um plano de intervenção para melhorias no ensino de matemática na comunidade. Mas ao fazê-lo pretendemos da ênfase aos conhecimentos de matemática que os alunos possuem do cotidiano, pois,

O currículo que até então temos, não atende as necessidades, e particularidades do campo, a concepção de que este é inferior à cidade, ainda é muito evidente tanto pelo povo urbano, como pelo rural e isto acontece porque as escolas em especial a do campo não se preocupa em valorizar e contextualizar no currículo as especificidades do sujeito do campo (ALDINEI, CLÉLIA, ÉDERA, ELZA,2011,p.75).

Sendo necessário um olhar mais crítico sobre esta questão visto que estes alunos são indivíduos com ideais dos quais a educação escolar tem que:

Compreender o lugar da escola na educação do campo é compreender o tipo de ser humano que ela precisa ajudar a formar e como pode contribuir com a formação dos novos sujeitos sociais que vem se constituindo no campo hoje. [...] ao mesmo tempo é chamado a estar atenta a particularidade dos processos sociais do seu tempo histórico e ajudar na formação das novas gerações de trabalhadores e de militantes sociais (CALDART, 2004, p.37).

Portanto voltamos nossa a atenção a principio para a identidade dos jovens da localidade, pois esta deve se levada em consideração quando se pretende ter êxito ao educar, pois,

A identidade da escola do campo é definida a partir de seus sujeitos sociais a quem se destina: agricultores familiares, assalariados, assentadas, ribeirinhos, caiçaras, extrativista, pescadores, indígenas, remanescente quilombola, enfim, todos os povos do campo brasileiro [...] dessa forma, articulação nacional por uma educação do campo concebe a concepção de identidade da escola do campo, onde se defende uma escola que esteja articulada á cultura do lugar onde se encontra, que valorize os saberes e expressões culturais locais sem perder de vista a interação com o contexto mais amplo (ALDINEI, CLÉLIA, ÉDERA, ELZA,2011,p.75).

A comunidade quilombola onde se realiza a pesquisa demonstra perda de identidade, os habitantes se assumem como remanescentes quilombolas são integrantes da associação, mas na comunidade, na escola onde a pesquisa se realizou não se trabalha com essa cultura, não existem projetos, não existe uma disciplina na escola e são poucas as pessoas que ainda praticam a cultura negra. O que com o passar do tempo às poucas manifestações culturais tende a ser substituída por costumes meramente urbanos iniciando pelo currículo escolar aplicado na localidade sendo este urbano, necessitando de projeto que valorize e resgate os costumes perdidos o que ocorre pelos moradores colocarem a segundo plano, por não haver interesse de parte dos mesmos.

O que Souza (2003), Salienta que o ato de recordar como o de esquecer ocorre devido a manipulações que podem ser conscientes ou inconscientes, elaboradas na estrutura psicológica do sujeito afetado por atores como afetividade, interesse, desejo, censura ou inibição.

O nosso interesse ao expor a importância de se reviver os costumes quilombola na localidade não quer dizer que as pessoas têm que passar a viver como seus antepassados viviam, mas é necessário manter presente os rituais característicos de seu povo, pois,

Através da memória, não só o passado emerge, misturando-se com as percepções sobre o presente, como também incorpora um conjunto de impressões construídas pela interação entre o presente com o passado que passa a ocupar um todo no espaço da consciência (BOSI, 1994, p.20).

Temos assim salientado a importância de se trabalhar a memorização dos costumes quilombolas a fim de valorizar a identidade cultural e econômica do local, para melhor explorar os conhecimentos que os alunos possuem, aprimorando esse conhecimento.

## **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE**

A educação na comunidade iniciou a partir da necessidade de se ler as cartas, sendo estas o único meio de comunicação da época. Segundo a Josias Rita Barreto da Costa, de 54 anos, moradora da localidade desde o nascimento, narra que:

Sua avó a Sra. Raimunda Cruz era uma das três pessoas que possuíam esse conhecimento. [...] Sentiu a necessidade de educar seus filhos e sobrinhos, a mesma não tendo recursos, passou a ensinar-lhes escrevendo na areia e na folha da sororoca quando estavam na roça, no intervalo do almoço. Depois de algum tempo, ela teve a ideia de fazer o abecedário em caixa de papelão, conseguindo assim alfabetizar sua família de onde surgiram os seguintes professores: Antônio Carvalho e Sra. Luzia dos Santos Pinheiro. Aproximadamente no ano de 1947, surgiram varias turmas no local denominado mal acabado, o qual atualmente é conhecido como Itacuruçá.

Na entrevista com os Senhores Apolônio Rodrigues Pinheiro de 74 anos, o Senhor Júlio Lira do Couto de 79 anos e o Sr. Raimundo Dilo do Couto de 82 anos, ambos moradores da localidade desde que nasceram, relatam que:

Não havia material didático gratuito, para adquirir esse material os alunos tinham que juntar andiroba e cuúba e até mesmo à farinha para trocar na mercearia como folha de papel, para poder então confeccionar os cadernos que eram costurados pelas mães dos educando. As letras eram feitas em manuscrito e paleógrafo, os livros utilizados eram: A Cartilha do ABC, Cartilha Popular, 1º Livro e a Tabuada que não poderia faltar no recurso do professor.

O professor tinha o total apoio das famílias, essa relação entre escola e família fazia com que os alunos se dedicassem mais pelos seus estudos, segundo relatou o Sr. Apolônio:

Esses alunos contaram com o apoio do professor Raimundo Torres Bandeira que era Paraibano, uma pessoa muito culta, que foi a peça

fundamental na educação. Era exigente, porem, respeitado (Antigo morador da localidade).

Em relação à merenda escolar o Sr. Dilo do Couto declarou que cada aluno levava a sua e na maioria das vezes era preciso dividir com os colegas que não tinham. As mães colocavam o que sobrava do jantar como: Uruá, Mamoré, ovos, camarão, peixes, farinha e etc.

O transporte escolar não existia as crianças iam para a escola em canoas, casco, outros iam pelo caminho a pé e descalços, pois não tinham recursos para compra de calçados. Nesse tempo era difícil ver passar no rio um barco ou batelão, o transporte mais utilizado na época, eram os dois citados acima.

Com o passar do tempo, outros professores surgiram, a professora Damiana Barreto (em memória), a professora Luzia Carvalho que ensinavam em suas casas e em outros espaços cedidos.

No ano de 1963, a Sra. Josias Rita Barreto, filha da Sra. Damiana (em memória), tornou-se professora com 13 anos de idade, ajudando sua mãe nas tarefas escolares passando a ser remunerada na folha de pagamento de sua mãe, por ser menor de idade, somente aos 25 anos, após a aposentadoria de sua mãe ela passou assumir a turma por conta própria.

Anos se passaram, a comunidade recebeu apoio tanto da prefeitura do município, quanto do governo federal, e em 1970 surgiu o projeto “MOBRAL” que iniciou com a professora Maria da Salete da Costa Couto com uma turma de 50 alunos que funcionava na casa do Sr. Manoel Pinheiro da Costa (em memória).

Após muita luta a comunidade ganhou uma escola tendo como nome Manoel Pedro Ferreira, em homenagem a um professor que morreu afogado no período em que estava sendo construída a escola, a qual foi inaugurada em 15 de Agosto de 1980 na administração do Prefeito Municipal o Sr. Ronald Reis Ferreira.

As primeiras professoras que foram Orlandina Sena da Costa (em memória), Josias Rita Barreto da Costa e Luzia Rodrigues de Carvalho, enfrentaram varias dificuldades, entre elas: turma multe seriada e superlotada e ainda faziam merenda, pois na época não havia servente.

Na comunidade existia varias crianças portadoras de necessidades especiais que estavam afastadas da escola, no ano de 1989 a professora Salete foi chamada para fazer cursos adicionais, após essa qualificação, iniciou uma turma de educação especial que funcionava em sua própria casa por não haver espaço na escola. Após alguns anos o numero de alunos foi aumentando e formaram-se três turmas passando a mesma a assumir duas turmas e a outra foi assumida pela professora Orquídea Pinheiro Pastana que iniciou o seu trabalho nessa localidade no ano de 1988 com a primeira turma de educação infantil.

Como na comunidade a educação restringia-se a educação de 1ª a 4ª series o que impossibilitava a continuação da mesma pelos jovens que não tinham condições de se custear o gasto de moradia nos centros urbanos: Abaetetuba (60 km), Belém (130 km), Igarapé-Miri (46 km), sendo que a cidade mais próxima era Igarapé-Miri. Na época não existia energia elétrica, e transporte escolar, não havendo possibilidade de locomoção dos jovens para os centros urbanos. Observando tal dificuldade à comunidade juntou esforços para reivindicar a continuação da educação, descobriu-se que existia o SOME (Sistema de Organização de Ensino) que visava levar escolarização para os alunos que se encontravam distantes das sedes dos municípios.

A luta pelo ensino Fundamental maior começou no ano de 1995, tendo como Secretária municipal de educação a professora Senita, a qual comunicou a responsável da escola, a prof. Josias Rita Barreto da Costa, de que existia um projeto para o funcionamento das turmas de 5º a 8º série, o SOME (Sistema de Organização Modular de Ensino).

(Sandoval, coordenador do conselho escolar da época).

Os primeiros professores a trabalhar na localidade foram: Iorque, Claudia, Daniel e Eliana, foram hospedados na casa da senhora Terezinha Costa a qual atendeu a solicitação do Senhor Manoel de Jesus e da Secretária Senita, ela cuidava deles com muito prazer, lavando, passando e cozinhando sem receber nada em troca.

A escola não possuía estrutura física, existiam apenas duas salas que não comportava o número de alunos que era de 239. Devido á necessidade as turmas funcionavam nas casas de pessoas que cediam, no barracão da Igreja Católica, na própria igreja e até mesmo embaixo das arvores, devidos as dificuldades houve a necessidade de se construir mais uma sala. Nesse período, as turmas iam surgindo

gradativamente e no ano de 1999 se formou a primeira turma de ensino fundamental que foi comemorada com uma grande festa.

No ano seguinte iniciou o Ensino Médio, e as dificuldades aumentaram em relação ao espaço físico, algumas turmas foram remanejadas para Escola Raimundo Bandeira, que é a escola mais próxima, outras turmas foram para casas cedidas onde existia energia a gerador. O tempo foi passando e no ano de 2001 a comunidade ganhou energia elétrica, facilitando muito para as turmas da noite. O ensino continuou e em 2003 a primeira turma de ensino Médio se formou com uma grande festa em comemoração no Equatorial Parque Clube. Atualmente tem 120 alunos.

Segundo o relato da professora Ana Léa, alguns professores que trabalham no projeto é que deixam muitas vezes a desejar, fazendo com que o mesmo fique com uma péssima imagem. O ideal seria o ensino regular, relata, mas como ainda não é possível, algumas coisas deveriam ser revistas e ajustadas, como por exemplo; a questão do descumprimento dos dias letivos e horários que muitas vezes não é levado a sério pelos educadores. Também a falha na hora da lotação, que com isso, acaba tendo as chamadas reposições, prejudicando assim os alunos.

Com relação ao ensino superior, que surgiu em nossa localidade através da Sra. Idaneide Guedelha que foi durante muitos anos foi coordenadora do SOME e Secretária de educação do Município e, portanto conhecida a realidade da comunidade, no de 2007 foi até a localidade e fez uma reunião com as pessoas interessadas a cursar o Ensino superior, então a causa foi abraçada. Não só pela vontade, mais principalmente pela necessidade, porque o professor que não tivesse o nível superior até 2010, não poderia atuar na sala de aula.

Foi feita a prova de seleção e formou-se uma turma com 18 alunos. Os alunos cursavam Faculdade particular, as aulas eram semipresenciais, de 15 em 15 dias apenas aos domingos.

Após décadas de espera, e muitos anos de luta, a comunidade teve várias recompensas. Segundo o Senhor Salomão da Costa Santos de 40 anos, coordenador da MALUNGU e ex-coordenador da ARQUIA em nossa localidade, contribui com melhora da merenda escolar, pelo fato da comunidade pertencer à área quilombola. Muitos cursos foram oferecidos, como; serigrafia, alimentos alternativos, cursos de

cultura afro-brasileira e africana, gestão ambiental, cooperativismo, manejo de açai e curso de gestão.

Através da ARQUIA (Associação de Remanescente de Quilombo das Ilhas de Abaetetuba), conseguimos também água encanada que é de muita importância e de grande utilidade para todos.

A comunidade geral, juntamente com as seguintes entidades, ARQUIA, COOPROABA, APPRMIR uniram-se e como resultado, hoje temos; energia elétrica, telefone público, tudo isso contribui para melhorar a educação na localidade.

No final do ano de 2008 ocorreu à ampliação da escola, hoje a escola Manoel Pedro Ferreira é um lugar digno para se estudar, ela foi reformada e ampliada com sete salas de aula, sala dos professores, secretaria, biblioteca, 05 banheiros, 06 computadores, ventiladores, TV, DVD, central de água gelada, central de ar, notebook. O colégio Raimundo Bandeira possui 06 salas, biblioteca, cozinha, sala do diretor, televisão, DVD, caixa de som, antena parabólica, caixa d'água, bebedouro e depósito.

Enfim, relatam os professores, para eles que não tinham uma escola adequada para estudar e trabalhar considera-se que foi uma grande vitória de Deus tudo que eles conseguiram durante esses anos, e com certeza melhorou-se a autoestima do cidadão e a qualidade de ensino na comunidade.

### **O PAPEL DO SOME HOJE NA COMUNIDADE LOCAL.**

O SOME hoje na comunidade tem um importante de dar acesso à educação aos moradores da localidade que por tantos foram privados dela. No sistema modular a grande dificuldade encontra-se na disciplina de matemática, isso ocorre devido a vários fatores: as dificuldades na atividade de docência: metodologia adotada pelo professor, estrutura física da escola, A influência da relação afetiva dos alunos com a matemática, os desafios encontrados para entender matemática.

### **AS DIFICULDADES NAS ATIVIDADES DE DOCÊNCIA: METODOLOGIA**

A metodologia da educação é um conjunto de ações didáticas e normas a serem elaboradas pelo professor, de forma que facilite a aprendizagem de nossos alunos JOCEMAR (2005). Utilizar uma metodologia que instigue e entusiasme os alunos nas aulas de matemática e valorize a sua questão cultural e social ainda é uma tarefa difícil para os professores, quase sempre os docentes tendem a se aproximar e a se prender as propostas curriculares de ensino, a se prender aos assuntos que devem ser ministrados pelos professores e aprendidos e reproduzidos fielmente pelos alunos.

Observando nos momentos de participação e observação na escola, várias indagações referentes ao ensino de matemática, surgiram. Do tipo:

Será se as condições de ensino oferecido pelo SOME – Sistema Modular de Ensino aos alunos, comparado ao Sistema Regular, ambos delineados pela Secretária de Educação de Ensino do Estado do Pará – SEDUC, permite uma defasagem de aprendizagem de matemática para os diferentes sistemas de ensino?

Um grande problema é quando o professor coloca a quantidade acima da qualidade da aprendizagem, isso faz com que ele tenha muita pressa em dar os conteúdos, e não priorize o entendimento do aluno, assim como um assunto da base para o outro, o aluno não entende o primeiro assunto e acaba não entendendo o segundo em decorrência do insucesso do primeiro, se aborrece com a matemática, perde o interesse em aprender, começa a falar que está muito difícil, não digo que professor não tenha que se preocupar com os assuntos que devem ser abordados durante o ano, mas correr com o assunto deixa para trás os alunos que não entenderam, e não buscar ter qualidade na sua explicação não é a melhor forma de se ensinar.

Uma metodologia com recursos materiais é Interessante para o professor trabalhar, visto que a uma grande diferença em fazer o aluno imaginar e mostrar algo concreto a ele, por exemplo, durante o estágio na turma do 3º ano o professor estava ministrando aula de geometria espacial, essa com certeza é uma matéria que é muito difícil imaginar as figuras e visualizar suas dimensões, o professor perguntava, quantos faces esse cubo tem, no quadro as faces que davam para ser visualizadas eram que estavam na frente, nesse caso aquele cubo visualmente apresentavam 3 faces, , no entanto o cubo tem 6 faces o desenho dificultava a visualização e o aprendizado, no caso necessitava-se de um objeto, algo interessante é o professor montar essas figuras com os alunos, eles montando terão maior capacidade em aprender sobre cada figura, para montar os objetos precisaria de cola, cartolina, régua, lápis, algo simples de fazer mas que poder trazer resultados significativos para o processo de ensino.

Os alunos podem até entender o assunto que lhes foi apresentado, mas quando o professor pede a eles que resolvam os problemas, eles quase sempre costumam a não fazer os exercícios, isso ocorre por muitas vezes pelo medo e vergonha de errar. O erro no passado era visto como insucesso do aluno ao aprender, hoje o erro passa e tem que ser visto, não só pelo aluno como pelo professor como uma etapa no processo de ensino



aprendizagem, não como parte final, que indica que o aluno não entendeu e não sabe o assunto, o professor tem que ser mediador, auxiliar o aluno a perceber que o erro fez parte no processo de ensino aprendizagem para que ele chegasse ao resultado final correto.

Em geral, o erro era observado pelo professor como um indicador do mau desempenho do aluno, sem jamais ser utilizado para o redimensionamento do ensino. O que permeava o ensino era uma “pedagogia da resposta” em que o erro era o sintoma visível do fracasso do aluno, assim como o acerto era o sinal mais evidente de seu sucesso. (PINTO, 2000, p. 8)

O professor tem que ter cuidado ao corrigir o aluno, não pressioná-lo, o aluno tem que perceber o seu próprio erro, e corrigi-lo, por isso se faz necessário uma boa relação do aluno com o professor, para que o aluno possa perguntar instigar e expor suas opiniões.

A partir do momento em que os alunos e professores encararem o erro como algo positivo, os alunos se sentiram a vontade para resolverem os problemas, e os professores estarão buscando novas formas de ensinar e avaliar.

É importante que o professor saiba valorizar a opinião do seu aluno, dessa forma ele estará ciente das dificuldades do discente e poderá pensar numa melhor forma de ajudá-lo, é necessário que ele observe o aluno para que possa visualizar quando e de que forma o aluno consegue aprender, por isso também se faz necessário que o docente esteja aberto a aprender novas de ensinar matemática. O professor tem que saber planejar e lecionar suas aulas, suas atividades tem que instigar os alunos a pensar, os docentes tem que ter confiança em seu professor, se sentir a vontade para perguntar para questionar.

## **O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ENSINO**

Não ter interação com alunos, encher o quadro de assunto e depois explicar o conteúdo, fazer com que os alunos fiquem apenas memorizando fórmulas, fazendo exercícios repetitivos e cansativos, tornar a aula cansativa e estressante.

De acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), não basta revermos a forma ou metodologia de ensino, se mantivermos o conhecimento matemático restrito à informação, com as definições e os exemplos, assim como a exercitação, ou seja, exercícios de aplicação ou fixação.

Sabe-se que a típica aula de matemática em nível de primeiro, segundo ou terceiro graus ainda é uma aula expositiva, em que o professor passa para o quadro negro aquilo que

ele julgar importante. O aluno, por sua vez, copia da lousa para o seu caderno e em seguida procura fazer exercícios de aplicação, que nada mais são do que uma repetição na aplicação de um modelo de solução apresentado pelo professor. Essa prática revela a concepção de que é possível aprender matemática através de um processo de transmissão de conhecimento. Mais ainda de que a resolução de problemas reduz-se a procedimentos determinados pelo professor. (D'AMBRÓSIO, 1989, p.15).

## **INTERDISCIPLINARIDADE**

Hoje muito se fala na interdisciplinaridade, mas com que interdisciplinaridade no SOME (Sistema de Organização Modular de Ensino)? No sistema modular diferente do regular, onde as disciplinas são vistas no mesmo semestre, as disciplinas são vistas em módulos, o aluno tem relacionar uma disciplina que foi vista no início do ano letivo com outra que é lecionada no final do ano.

Mas Santos (1998) defende que em uma escola onde as aulas são ministradas em módulos a interdisciplinaridade acontece através de conceitos dos demais Módulos disciplinares já vistos e incorporados ao sujeito, relaciona-se conteúdos e conceitos, não apenas dos Módulos disciplinares do Nível, mas de tudo o que serviu para o aluno formar uma visão global do seu mundo, os conteúdos vistos anteriormente já estão gravados nos alunos e torna-se natural o seu uso para novas aquisições, o enfoque é vertical.

Demo define interdisciplinaridade como:

Como a arte do aprofundamento com sentido de abrangência, para dar conta, ao mesmo tempo da particularidade e da complexidade do real [a interdisciplinaridade quer] horizontalizar a verticalização, para que a visão complexa seja também profunda, e verticalizar a horizontalização para que a visão profunda seja também complexa (1998, p. 88-89).

Mas além da interdisciplinaridade entre as disciplinas, é preciso que o aluno saiba fazer a interdisciplinaridade entre os assuntos, uma das dificuldades que os alunos se deparam no aprendizado da matemática, na matemática um assunto da base ao outro, um assunto de uma série anterior por vezes se torna indispensável no aprendizado de um novo assunto, o estudo sobre funções, por exemplo, se torna indispensável para o aprendizado de funções trigonométricas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das nossas observações, constatamos a necessidade mais do que garantir acesso à educação, garantir infraestrutura adequada na escola para proporcionar um lugar propício para que ocorra a aprendizagem: instalações adequadas, equipamentos, recursos materiais. Segundo Pacífico:

A falta de infraestrutura, a inexistência de projetos arquitetônicos adequados e viáveis, a falta de recursos públicos e até mesmo a utilização de instalações inadequadas dos prédios escolares são problemas reais enfrentados por grande parte das escolas públicas brasileiras. (PACÍFICO, 2003).

Apesar das conquistas da escola a estrutura física ainda deixa muito a desejar, um local que atende até mais séries do que colégios da cidade, pois atende desde o pré até o 3º ano do ensino médio, inclusive o EJA, dispõe de poucos recursos materiais para algumas séries e até de nenhum para outras, em certas aulas o uso de computadores e data show seria de grande ajuda, o colégio até dispõe de um laboratório, no entanto o número de computadores é pequeno, ficaria difícil comportar uma turma no laboratório. Além do mais versem a necessidade do professor saber valorizar a opinião do seu aluno, dessa forma ele estará ciente das dificuldades do discente e poderá pensar numa melhor forma de ajudá-lo, é necessário que ele observe o aluno e tenha conhecimento do meio que vivem para que possa visualizar quando e de que forma o aluno consegue aprender, por isso também se faz necessário que o docente esteja aberto a aprender novas formas de ensinar. O professor tem que saber planejar e lecionar suas aulas, suas atividades tem que instigar os alunos a pensar, os docentes tem que ter confiança em seu professor, se sentir a vontade para perguntar para questionar.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARROY, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete e MOLINA, Mônica Castagna(organizadores).**Por Uma Educação do Campo**, 3.Ed,RJ,vozes, 2008

BOSI, Ecléa.**Memória e sociedade lembranças de velhos**.3ed.SãoPaulo: Cia das letras, 1994.

SOUZA, Antônio Carlos Carrera. **Memória e Paisagens: Trilhas e caminhos para a formação de Professores**. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiano (Org.). **Formação de Professores?da incerteza á compreensão**. São Paulo: EDUSC, 2003.P.85-118

DANTAS, Lina Gláucia; DUARTE, Mara Rita; SOCORRO, Roseane (organizadoras). **Memória e Docência: Experiências formativas em Abaetetuba**,1.Ed, Abaetetuba, literacidade, 2011.